

FRAGMENTOS DE O INTANGÍVEL ENCARNADO: PINTURA E OS GATILHOS DA MEMÓRIA

AMARÍLIS ELENA SILVA GOMES DE OLIVEIRA¹;
CLÓVIS VERGARA DE ALMEIDA MARTINS COSTA²

¹Universidade Federal de Pelotas – amarilis.elenas@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clovismartinscosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como finalidade refletir sobre as produções desenvolvidas durante o processo de pesquisa em arte no âmbito de meu trabalho de conclusão de curso. Tem o objetivo de refletir sobre a influência da memória no processo artístico como um elemento participante para a composição. A produção aqui analisada está inserida no contexto do projeto de pesquisa *Problemas de Pintura: distensões na prática da pesquisa em arte* coordenado pelo Prof. Dr. Clóvis Martins Costa - Centro de Artes / UFPel.

O objeto de estudo é uma série de pinturas realizadas com o auxílio de fotografias e elementos da memória que apontam objetos, experiências e sensações como elementos disparadores de memórias e canais de transporte para o passado. Com o auxílio do escritor francês Henry Bergson e do artista Gerhard Richter, busco fomentar reflexões sobre a influência das experiências passadas e suas reverberações no presente, através de temporalidades condensadas no campo pictórico.

A memória não limita sua atuação apenas ao passado, pois sem o presente-futuro, ela é apenas um estado do ser, portanto tudo que é vivido se torna memória, pois tudo que já passou é refletido em tudo que será passado.

2. METODOLOGIA

O processo adotado para a execução das pinturas aqui apresentadas se dá a partir de registros fotográficos obtidos durante visitas à cidade de Guarujá, no litoral paulista, e das prospecções pictóricas realizadas como atividade de extensão do grupo de pesquisa *Problemas de Pintura*, registros que me apropriou das Escrivências de Conceição Evaristo, e nomeio de “fotovivências”.

A escolha do que se é fotografado não segue uma regra específica, apenas busco encontrar elementos no espaço que possam remeter a uma memória passada. A partir da seleção das fotografias são realizados estudos com esboços para determinar o que será mantido na pintura, e o que será transformado. E por fim, são realizadas reproduções visuais através da pintura com uma nova técnica experimental, com o foco na priorização do rastro da pincelada obtida com a fatura de tinta sobre a tela, aplicada em primeiro momento com o auxílio de espátulas.

Para a execução da pintura **Nós (I)**, contei com o auxílio da fotografia para ser utilizada como referência, nela apresento uma pintura figurativa realizada em técnica mista sobre tela, onde os personagens principais seriam os caju, e cada unidade representa um integrante de minha família. Apesar de se tratar de um fruto atípico na região Sul do país, enquanto pintava, era possível sentir não apenas o

cheiro doce dos frutos, mas também a sensação boca seca, resultado comum quando se prova o caju.

Assim como em **Nós**, as pinturas **II** e **V** também partem de fotografias. Em **Freya** apresento a figura de um animal de estimação, a pintura foi realizada com técnica mista e o personagem principal tem escancarado em seu “focinho” uma expressão quase que penosa, a escolha da paleta de cores em tons mais escuros e densos é o que causa essa percepção de uma atmosfera melancólica. Para a pintura da palheta, colhi o item pertencente ao meu irmão, foi realizada com tinta acrílica, o fundo em laranja foi realizado com o auxílio de um pincel grosso e a tinta diluída para que o destaque fosse direcionado totalmente ao objeto central, a palheta foi inteiramente pintada com o auxílio de uma espátula, aspecto que resultou em apresentação de textura para a superfície da tela. **Sua e nós, e nós na sua (IV)** é a única pintura que realizei apenas com o auxílio da memória, isto é, não utilizei uma fotografia como referência para sua composição.

A pintura das gavetas (**III** e **VI**) e a do barco (**VII**) se deu nas visitas ao Cerro das Almas e Colônia Z3 respectivamente, onde nas primeiras apresento capas de fitas com nomes que não me recordava de sua familiaridade, títulos comuns nas rádios caixas e na segunda represento uma embarcação que me remeteu às catraias, meio de transporte comum na Baixada Santista.

Apesar de ter maior preferência para composições realizadas apenas com tinta óleo, fazer uso de técnicas mistas é o que possibilitou a criação de faturas sobre a superfície da tela, criando texturas e marcas das pinceladas pressionadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha dos objetos selecionados na fotografia para serem transferidos para a linguagem da pintura se dá por vivências do cotidiano, onde encontro elementos que remetem a vivências do passado, são momentos do presente que me arrastavam para lembranças de um passado recente. De acordo com Bergson a memória continua presa ao passado por suas raízes profundas e que se não fosse algo que se destaca do presente, não a reconheceríamos jamais como uma lembrança. (BERGSON, 1939, p.156) Observo que as memórias do presente acabam sendo ofuscadas por experiências do passado, este movimento de olhar constantemente para “trás” resulta numa melancolia sutil no inconsciente.

A memória flui pelas pontes do subconsciente a todo o momento, é necessário um simples gatilho para ser despertada, através das fotografias não encontro uma percepção visual clara, pequenos elementos são capazes de remeter às memórias distintas, de acordo com Bergson “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 1959 apud BOSI, 2007, p. 46)

Apesar das figuras **III**, **VI** e **VII** se tratarem de vivências mais próximas do presente, o que me atraiu a elas são os elementos que me remetem ao passado, como as capas das fitas como objetos presentes nas reuniões de família e a pequena embarcação às catraias. Eu encontro no presente pequenos gatilhos da memória, objetos disparadores que não seguem uma regra propriamente dita e é apenas com a vivência e com o processo da pintura que consigo revisitar uma lembrança. Em um caso diferente, a figura **IV** é a única pintura em que antes mesmo de me debruçar sobre a tela, não precisei revisitar uma fotografia, ela partiu

somente da memória, funcionando como um objeto referencial próprio, em outras palavras “da cabeça”. A princípio, durante o processo de pintura surge uma frustração por não estar de frente da materialidade do objeto, ele existe apenas em minha memória, e para cada pincelada é necessário forçá-la para conseguir construir a figura.

Trabalhar com a fotografia unida ao processo da pintura implica que o objetivo principal seria realizar uma cópia fiel da linguagem, mas assim como o pintor alemão Gerhard Richter, o meu objetivo não é a realização de uma pintura fiel à fotografia, mas sim a criação de uma nova imagem, como afirma Richter (2002, p.30) a linguagem da fotografia tem uma abstração própria que não é fácil de transparecer quanto passada para a pintura. Não busco pintar uma fotografia, mas sim transformar as vivências particulares em uma experiência dos que observam. De acordo com Bosi (2003, p.85) “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam.”



I - Nós. Técnica mista sobre tela. 27 x 38 cm. 2025. Acervo pessoal da artista.



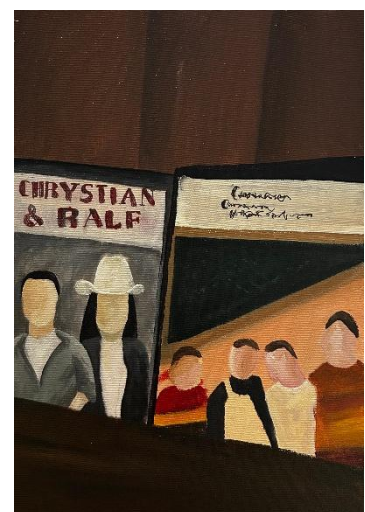
II - Freya. Técnica mista sobre tela. 12 x 12 cm. 2025. Acervo pessoal da Artista.



V - Sem título. Acrílica sobre tela. 10 x 10 cm. 2025. Acervo pessoal da Artista.



IV - Sua e nós, e nós na sua. Técnica mista sobre tela. 12 x 12 cm. 2025. Acervo pessoal da artista.



III - Parte da mesma gaveta. Acrílica sobre painel. 30 x 20 cm. 2025. Acervo pessoal da artista



VI - Como naquela gaveta. Óleo sobre tela. 20 x 50 cm. 2025. Acervo pessoal da artista.



VII - *Será que o Kurt Cobain vem hoje?*. Acrílica sobre tela. 20 x 30 cm. 2025. Acervo pessoal da artista.

4. CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, a memória é encarada como o principal elemento para o desenvolvimento das produções, ela se faz presente desde as vivências do presente até a primeira pincelada sobre a superfície da tela, e compreendo que é um elemento que é compreendido como pertencente ao passado, mas apenas encontra sentido quando retomado no presente.

Os resultados obtidos no presente estudo provocaram o anseio para a realizações de produções futuras, compreender a memória e estar em constante contato com ela é um desejo para o desenvolvimento de minha poética, encontro aqui a oportunidade para registrar o que vivi com minhas percepções únicas e pessoais.

Observo que não represento apenas o que vejo, mas sim o que carrego comigo em memória, e se está comigo, se torna vivo, e com a pintura ela vive em sua materialidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291 p.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELGER, Dietmar. *Gerhard Richter: a life in painting*. University of Chicago Press, 2009.

LEITURAS BRASILEIRAS. CONCEIÇÃO EVARISTO | *Escrevivência*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 18 mar. 2025.

RICHTER, G. *The Daily Practice of painting; Writings and Interviews 1962-1993*. Tradução: David Britt. Terceira Impressão ed. Londres: Anthony d'Offay Gallery; Thames & Hudson and the MIT Press, 2002.